



Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária – MAARA
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA
Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre – CPAF-Acre
Rio Branco, AC

FOL.. 2390



Recomendacoes basicas para a
1994 FL - 1997.00030



974 - 1

RECOMENDAÇÕES BÁSICAS PARA A CRIAÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS NO ACRE

Rio Branco, AC
1994

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República

Itamar Augusto Cautiero Franco

MINISTRO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA REFORMA AGRÁRIA

Synval Sebastião Duarte Guazzelli

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

Presidente

Murilo Xavier Flores

Diretores

José Roberto Rodrigues Peres
Alberto Duque Portugal
Elza Ângela Battaggia Brito da Cunha

Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre – CPAF-Acre

Newton de Lucena Costa – Chefe
Marcus Vinício Neves D'Oliveira – Chefe Adjunto Técnico
Ana da Silva Ledo – Chefe Adjunto de Apoio



Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária – MAARA
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA
Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre – CPAF-Acre
Rio Branco, AC

FL 2390

RECOMENDAÇÕES BÁSICAS PARA A CRIAÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS NO ACRE

Rev 30/11/97

Marciane da Silva Maia
Vânia Maria França Ribeiro
Arlindo Luis da Costa

Rio Branco, AC
1994



Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:
EMBRAPA-CPAF-Acre – Coordenadoria de Difusão de Tecnologia – CDT
Rodovia BR-364, km 14, sentido Rio Branco/Porto Velho
Telefones: (068) 224-3931, 224-3932, 224-3933, 224-4035
Telex: 68.2589
Fax: (068) 224-4035
Caixa Postal, 392
69908-970 – Rio Branco, AC

Tiragem: 300 exemplares

Comitê de Publicações

Arlindo Luiz da Costa
Celso Luis Bergo
Ivandar Soares Campos
Judson Ferreira Valentim
Marcus Vinício Neves d'Oliveira – Presidente
Murilo Fazolin
Orlane da Silva Maia – Secretária

EMBRAPA / DTD
Valor da Aquisição R\$ 5,00
Nota Fiscal N°
Fornecedor
No. Ordem
Ordem
Registro
CPAF-Acre
FOL 30/1997

Expediente

Coordenação Editorial: Marcus Vinício Neves d'Oliveira
Normalização: Orlane da Silva Maia e Luiz Roberto Rocha da Silva
Revisão Gramatical: Maria de Nazaré M. dos Santos – EMBRAPA-CPATU
Composição: Francisco de Assis Sampaio de Freitas

MAIA, M. da S.; RIBEIRO, V.M.F.; COSTA, A.L. da. **Recomendações básicas para a criação de caprinos e ovinos no Acre.** Rio Branco: EMBRAPA-CPAF-Acre, 1994. 22p. (EMBRAPA-CPAF-Acre. Documentos, 15).

1. Caprino – Criação. 2. Ovino – Criação. I. Ribeiro, V.M.F., colab. II. Costa, A.L. da, colab. III. EMBRAPA. Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre (Rio Branco, AC). IV. Título. V. Série.

CDD 636.39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
INSTALAÇÕES.....	7
Aprisco.....	7
Cercas.....	11
ALIMENTAÇÃO.....	12
Pastagens e outros volumosos.....	12
Suplementação mineral.....	14
PRINCIPAIS DOENÇAS.....	16
Pododermatite necrótica.....	16
Linfadenite caseosa.....	17
Sarna auricular ou caspa do ouvido.....	18
Ectima contagioso.....	19
Miíase ou bicheira.....	19
Verminose.....	19
CUIDADOS COM A CRIA.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21



RECOMENDAÇÕES BÁSICAS PARA A CRIAÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS NO ACRE

Marciane da Silva Maia¹
Vânia Maria França Ribeiro²
Arlindo Luis da Costa³

INTRODUÇÃO

No Brasil, os caprinos e ovinos foram introduzidos pelos colonizadores portugueses, franceses e holandeses. No Acre, provavelmente, estas espécies foram introduzidas pelos imigrantes nordestinos a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, com o auge da exploração da borracha.

Atualmente, é comum encontrar nas propriedades rurais locais, pequenos rebanhos de ovinos e/ou caprinos, associados ou não a bovinos, fazendo parte do sistema de produção do estabelecimento.

O rebanho ovino do Estado é composto, em sua maioria, por animais do tipo "lã grosseira", provavelmente oriundos de cruzamentos entre as raças lanadas vindas do Sul e Sudeste com as raças deslanadas do Nordeste, introduzidas na região mais recentemente.

O rebanho caprino é composto por animais do tipo SRD (sem raça definida), possuidores de orelhas longas e pendentes, sugerindo cruzamento com as raças Anglonubiana, Buhj e/ou Mambrina conhecidas entre os criadores da região como raças "zebus".

Em visitas realizadas a 48 propriedades rurais nos municípios de Rio Branco, Senador Guimard, Plácido de Castro, Sena Madu-

¹Méd.-Vet., B.Sc., EMBRAPA-CPAF-Acre, Caixa Postal 392, CEP 69908-970, Rio Branco, AC.

²Méd.-Vet., M.Sc., SDA-Acre, Rua 24 de Janeiro, nº 39, CEP 69901-150, Rio Branco, AC.

³Méd.-Vet., Ph.D., EMBRAPA-CPAF-Acre.

reira, Xapuri e Brasília, verificou-se a presença de caprinos e ovinos em 27,1 e 72,9% delas, respectivamente. Quando questionou-se a respeito da caprinocultura, 25% dos produtores, que não exerciam esta atividade, demonstraram interesse por este tipo de exploração. Portanto, deduz-se que a ovinocultura apresenta boas perspectivas de crescimento na região, graças à grande aceitação e interesse demonstrado pelos pequenos e médios produtores.

Por outro lado, acredita-se que a caprinocultura, embora presente em menor número de estabelecimentos agrícolas, possa ser expandida, principalmente nos municípios onde já existe esse tipo de exploração, como é o caso de Brasília, onde encontram-se rebanhos de cabras nativas com excelente aspecto zootécnico e boas características para produção leiteira. Para isso, porém, faz-se necessário a demonstração, através de técnicas de manejo adequadas à região, do grande potencial biológico que essa espécie apresenta para a produção de leite e secundariamente de carne, a um custo relativamente baixo em comparação à pecuária bovina e provavelmente causando menor impacto ambiental.

A primeira tentativa de incrementar a exploração de caprinos e ovinos no Acre foi implementada pelo Programa de Desenvolvimento Rural Integrado do Acre – PDRI, que no ano de 1985 financiou um projeto de produção de caprinos da raça Anglonubiana e ovinos das raças Santa Inês e Morada Nova, sob coordenação da EMBRAPA, então UEPAE de Rio Branco, com o objetivo de produzir e distribuir matrizes e reprodutores destas raças aos colonos assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no Estado. Isso culminou, ainda em 1985, com a importação de animais das raças acima citadas, da Região Nordeste.

A raça Santa Inês originou-se na Região Nordeste, provavelmente por meio de cruzamentos entre carneiros da raça Bergamácia com ovelhas crioulas e morada nova (Figueiredo et al., 1980). Esta raça tem sido selecionada para maior porte e ausência de lã. É destinada à produção de carne, e os machos chegam a atingir 80 kg de peso vivo.

Os caprinos da raça Anglonubiana são considerados de dupla aptidão, isto é, destinam-se à produção de carne e leite. Segundo Lucchesi et al. (1986) esta raça originou-se do cruzamento entre cabras nativas da África com raças inglesas e suíças. Foi introduzida no Brasil em época recente com a finalidade de melhorar a produção de carne e leite do rebanho nacional.

Pesquisas realizadas pela EMBRAPA – Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre (CPAF-Acre) indicam estas raças de ovinos e caprinos como promissoras para a exploração no Estado.

INSTALAÇÕES

Aprisco

Os caprinos e ovinos necessitam de um local coberto para protegê-los contra as correntes de ar frio, chuva, umidade e predadores, e para facilitar o manejo dos animais quando da aplicação de medicamentos, tratamento de bicheiras, corte de cascos, vacinações etc. O abrigo (aprisco) pode ser de chão batido ou de piso suspenso, desde que seja limpo, seco e bem ventilado. A construção deve ter a orientação Leste-Oeste, em terreno alto, com 3 a 5% de inclinação, para facilitar o escoamento de águas e urina. Deve ficar exposto ao sol, ter fácil acesso ao pasto e, se possível, longe das margens de rodovias, para evitar o roubo de animais ou morte por atropelamento.

No Estado do Acre, devido à alta umidade, é mais indicado o aprisco de piso suspenso, pois possibilita menor contato dos animais com a umidade. No entanto, não se descarta a utilização de apriscos de chão batido, desde que se considerem as recomendações quanto à escolha do terreno (Figs. 1 e 2).

O aprisco de piso suspenso deve ser elevado do solo em torno de 0,8 a 1,0 m de altura, e construído com ripões de aproximadamente 5,0 cm de largura, distantes uns dos outros no máximo 1,5 cm na área para animais adultos e 1,0 cm no compartimento para cabritos.

As vigas que suportam os ripões devem ter aproximadamente 60,0 cm de espaçamento entre si. Os barrotes que suspendem o piso devem ser colocados um por m². O pé direito da construção deve ser de 2,5 m para facilitar a entrada e saída de pessoas, bem como a circulação do ar. As paredes e portas internas devem ter a altura de 1,60 m. As paredes externas devem ser da altura do pé direito, construídas com ripões de madeira distanciados entre si em torno de 10,0 cm.

A rampa de subida deve possuir uma largura mínima de 1,20 m, não ser muito inclinada, para não dificultar a subida dos animais jovens, e se possível conter uma proteção nas laterais para evitar a queda dos recém-nascidos. A área coberta por animal deve ser de 0,80m² (Arruda, 1985; Maciel, 1987; Medeiros et al., 1988).



FIG. 1. Aprisco com paredes ripadas, cobertura de palha e piso de chão batido. Brasiléia, AC.



FIG. 2. Aprisco de chão batido, laterais em cerca de arame e cobertura de cavaco. Brasiléia, AC.

A cobertura pode ser de palha, telha ou cavaco, conforme a disponibilidade do criador. A madeira a ser utilizada na construção pode ser serrada, roliça ou pranchas de paxiúba (Figs. 3, 4 e 5).

Para se calcular a área do aprisco a construir, basta multiplicar o número de animais do rebanho por 0,80.

Exemplo: Para 40 animais adultos,
 $40 \text{ animais} \times 0,80 \text{ m}^2 = 32 \text{ m}^2 \text{ de aprisco.}$

É aconselhável que o aprisco tenha uma divisória para recolher as fêmeas recém-paridas e as crias durante as duas primeiras semanas de vida. Essa medida favorecerá uma maior proteção e melhor acompanhamento dos animais novos, evitando-se as perdas de crias por acidentes ou predadores e permitindo um auxílio rápido, quando necessário.



FIG. 3. Aprisco suspenso em madeira serrada e cobertura de alumínio. Centro de Produção de Caprinos, EMBRAPA-CPAF-Acre.



FIG. 4. Aprisco suspenso, piso e paredes em ripas de madeira, cobertura de cavaco. Município de Rio Branco, AC.



FIG. 5. Aprisco em madeira serrada, piso ripado e cobertura de amianto. Brasília, AC.

Cercas

As cercas são de vital importância para a contenção dos animais, evitando que os mesmos penetrem nos roçados, hortas e pomares, causando prejuízos ao criador. No entanto, a construção destas é onerosa para o produtor, podendo ser considerada um fator limitante na criação de pequenos ruminantes. Para solucionar este problema, pode-se recorrer à construção de cercas alternativas, como cercas de varas trançadas, cercas de meio estacote e cercas vivas (Figs. 6 e 7).

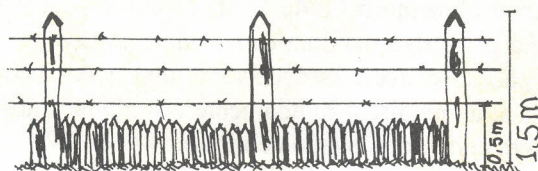


FIG. 6. Cerca de meio estacote.



FIG. 7. Cerca de vara trançada.

As cercas de arame devem ser construídas, de preferência, com arame farpado, pois favorece melhor contenção dos animais. A altura deve ser de 1,5 m, com estacas a cada 2 m e moirões a cada 10 m. Devem ter nove fios de arame distribuídos da seguinte forma: do solo até o quarto fio, 10 cm de distância entre si; do quarto ao quinto e do quinto ao sexto fios, 15 cm de distância; do sexto para o sétimo e deste para o oitavo fio, 25 cm e o nono fio a 30 cm do oitavo (Fig. 8).

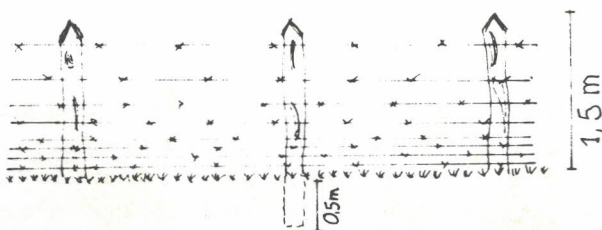


FIG. 8. Cerca de arame farpado.

ALIMENTAÇÃO

Uma boa alimentação é de fundamental importância para o alcance da eficiência produtiva máxima de qualquer espécie animal. Animais mal nutridos são suscetíveis às doenças e infestações verminóticas, devido à incapacidade de reagirem rapidamente aos ataques dos microorganismos por estarem com o organismo debilitado.

Pastagens e outros volumosos

A maneira mais econômica de fornecer alimento aos caprinos e ovinos é através das pastagens. Porém, faz-se necessário o emprego de técnicas adequadas à formação e manejo destas, visando obter uma pastagem produtiva e evitar a degradação precoce da mesma. Para isso, devem-se escolher as gramíneas e leguminosas que melhor se adaptem às condições climáticas da região e adotar o sistema de rotação de pastejo.

Grande variedade de gramíneas e leguminosas são bem aceitas pelos caprinos e ovinos. No entanto, no Estado do Acre, as gramíneas que melhor se adaptam às condições edafoclimáticas são as do gênero *Brachiaria* (*B. brizantha*; *B. humidicola*) e *Panicum* (*P. maximum*) puras ou consorciadas com a leguminosa puerária (*Pueraria phaseoloides*) (Figs. 9, 10, e 11). Dentre as leguminosas, existe ampla variedade que pode ser oferecida a estes animais. No entanto, as mais recomendadas para o Estado, em termos de adaptação, são o feijão guandu (*Cajanus cajan*), a leucena (*Leucaena leucocephala*), o desmodium (*Desmodium ovalifolium*), o calopogônio (*Calopogonium mucunoides*) e o estilozantes (*Stylosantes guianensis*).



FIG. 9. Rebanho ovino pastando em um campo de *B. decubens*. Rio Branco, AC.



FIG. 10. Rebanho caprino em pastagem de *B. brizantha*. Centro de Produção de Caprinos da EMBRAPA-CPAF-Acre. Rio Branco, AC.





FIG. 11. Rebanho ovino em campo de pastagem nativa. Brasília, AC.

Por outro lado, grande variedade de produtos e subprodutos agrícolas, encontrados nas propriedades rurais, podem ser utilizados na alimentação destes animais. Tais como as folhas, palhas e grãos de milho; casca e rama de feijão ; raspa de mandioca (seca); folhas e raízes de batata doce; folhas de bananeira, goiabeira e mangueira; polpa e casca de abóbora; casca de melancia; farelo de arroz etc.

As raízes e tubérculos (batata doce, mandioca, abóbora) devem ser fornecidos aos animais adultos na quantidade de 1 a 5 kg/animal/dia, picados e misturados ou não a capim ou palha triturada (Maciel, 1987). A mandioca deve ser quebrada e exposta ao sol, até perder a umidade, antes de ser oferecida aos animais, para evitar intoxicação dos mesmos.

Suplementação mineral

Os elementos minerais são indispensáveis à sobrevivência e manutenção da saúde e produtividade dos animais. A deficiência mineral se reflete negativamente na produtividade do rebanho, levando à baixa

produção de leite, diminuição da resistência a doenças, baixo índice de fertilidade, crescimento retardado, depravação do apetite, má formação óssea, problemas de cascos e dentes e algumas doenças como: raquitismo, febre vitular, toxemia da gestação, osteoporose e osteomalácia (cara inchada), timpanismo etc. e até mesmo a morte do animal (Morrison, 1966; Jardim, 1987; Medeiros et al., 1988).

O sal mineral deve ser oferecido no cocho à vontade. Para suprir suas necessidades orgânicas e produtivas, os caprinos e ovinos adultos precisam de um consumo diário em torno de 9 g de sal mineralizado. Porém, esse consumo pode variar com o estado carencial do animal bem como com a função produtiva do mesmo (Morrison, 1966; Jardim, 1987). Animais com deficiência mineral têm maior avidez por sal do que aqueles cujos requerimentos estão satisfeitos.

A mistura mineral colocada à disposição dos animais, se possível, deverá ser balanceada com base nas exigências do animal e de acordo com a composição média dos solos e forragens da região. Nem sempre um suplemento mineral, por melhor que seja, atende às necessidades específicas de um rebanho (Fig. 12).



FIG. 12. Ovinos com sintomas de deficiência mineral. Rio Branco, AC.

Para as condições do Acre, a fórmula balanceada para 100 kg de mistura mineral baseada nas deficiências detectadas no solo, gramíneas, sangue e ossos de animais, é a seguinte:

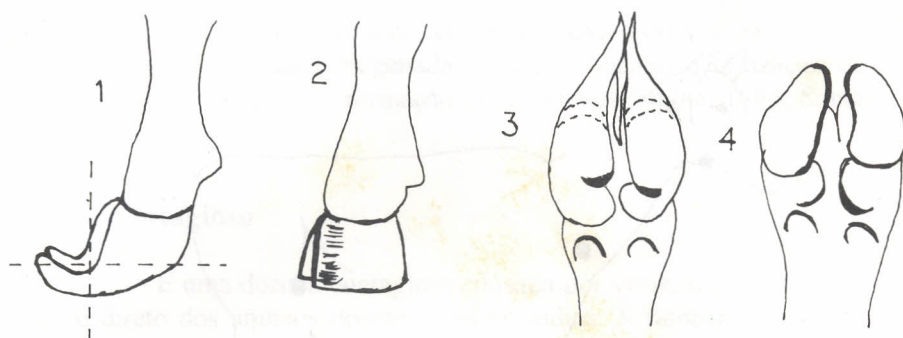
Fosfato bicálcico.....	42,278 kg
Sulfato de zinco.....	2,095 kg
Sulfato de cobre.....	0,597 kg
Sulfato de cobalto.....	0,046 kg
Iodato de potássio.....	0,019 kg
Sulfato de ferro.....	0,476 kg
Sulfato de manganês.....	0,297 kg
Óxido de magnésio.....	1,585 kg
Cloreto de sódio (sal).....	52,597 kg
	<hr/>
	100,000 kg

PRINCIPAIS DOENÇAS

Pododermatite necrótica

É uma enfermidade que se localiza no casco do animal, devido a fatores predisponentes como traumatismo ou umidade excessiva do solo, associados à infecção bacteriana. É conhecida vulgarmente por frieira ou podridão dos cascos. Caracteriza-se pela inflamação do espaço interdigital, com grande sensibilidade, exudação fétida, ulceração e necrose, chegando muitas vezes a ocorrer perda total do casco (Silva & Silva, 1987; Medeiros et al., 1988). A maior ocorrência se observa no período chuvoso, devido à umidade excessiva no solo. Para prevenir a ocorrência da doença, o criador deve proceder o corte e a limpeza periódica dos cascos (Fig. 13).

Para o tratamento, recomenda-se colocar o animal em local seco e limpo, limpar o casco retirando toda a parte necrosada e tratar as lesões com tintura de iodo a 10%, sulfato de cobre a 15% ou produtos existentes no mercado, indicados para tratamento de cascos. Nos casos graves, deve-se administrar antibióticos à base de penicilina ou tetraciclina por via intra muscular, durante três a quatro dias (Silva & Silva, 1987; Medeiros et al., 1988).

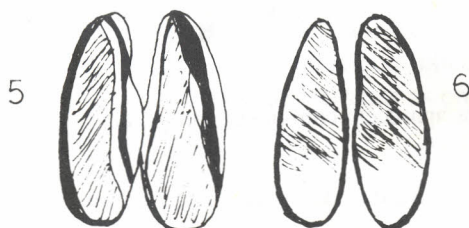


A – Vista lateral

B – Vista da sola

1 e 3 – Unhas compridas e o pontilhado mostra como cortá-las.

2 e 4 – Unhas já cortadas



5 – Região da sola com unhas crescidas para as laterais

6 – Unhas cortadas

FIG. 13. Procedimentos referentes ao corte dos cascos.

Linfadenite caseosa

Também conhecida como mal-do-carço, é uma doença causada por bactéria que se localiza nos linfonodos, produzindo abscessos, que podem ser notados sob a pele na forma de caroços. Esses caroços se localizam com maior frequência na pá, pé da orelha, queixo e no vazio (Fig. 14), podendo ocorrer também nos testículos, úberes e órgãos internos.

Para evitar que a doença ocorra no rebanho, o criador deve ter o cuidado de tratar os animais com carço, não deixando que o mesmo estoure naturalmente, espalhando o pus pelo chão, pois, este pus é um foco de transmissão da doença para os animais sadios (Padilha, 1983).



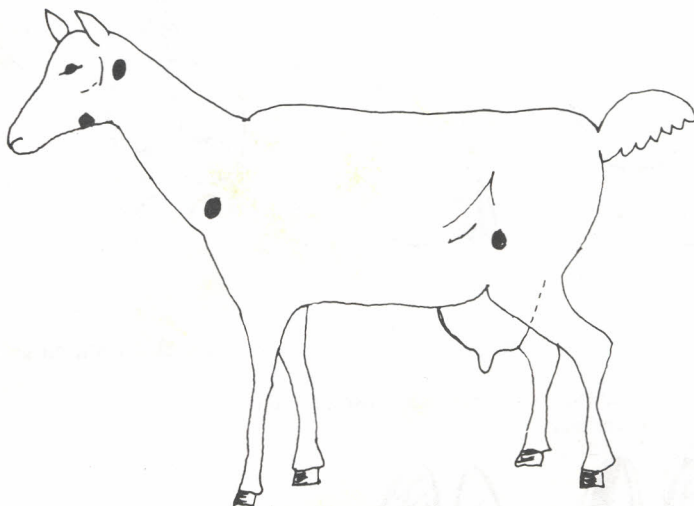


FIG. 14. Locais onde os carosos aparecem com maior frequência.

Para tratar o caroso, o criador deve seguir as seguintes instruções:

- Quando o caroso estiver mole, cortar os pêlos e desinfetar o local com solução de iodo a 10%.
- Abrir o caroso com uma faca, canivete ou qualquer outro instrumento cortante, de forma que todo o pus possa ser retirado.
- Enterrar todo o conteúdo retirado do caroso juntamente com o papel ou algodão que tenha sido usado durante a operação.
- Lavar e desinfetar o instrumento utilizado para o corte.
- Fazer limpeza da ferida com iodo a 10%, pelo menos durante três dias.
- Aplicar produtos repelentes para evitar a formação de bicheiras no local do corte (Padilha, 1983; Silva & Silva, 1987).

Sarna auricular ou caspa do ouvido

A sarna auricular ocorre com maior frequência nos caprinos do que nos ovinos. Os animais infestados apresentam milhares de ácaros no interior do ouvido e ao redor da orelha, os quais formam crostas quebradiças.

O tratamento consiste na retirada das crostas com algodão embebido em álcool, água oxigenada ou álcool iodado e utilização de spray repelente para evitar a formação de bicheiras (Padilha, 1983; Santa Rosa & Vieira, 1989).

Ectima contagioso

É uma doença contagiosa causada por vírus, transmitida por contato direto dos animais doentes com os sadios. É também conhecida por "boqueira" e acomete principalmente animais jovens. Os cabritos doentes perdem peso, devido à dificuldade de se alimentarem, podendo inclusive chegar a morrer. Esta doença manifesta-se sobre a forma de ulcerações, com formação de crostas, localizadas nos lábios, gengivas, bochechas e língua, podendo afetar também a vulva e úbere das cabras, devido a amamentação de cabritos contaminados. Os animais doentes devem ser isolados e tratados com glicerina iodada a 10% ou violeta de genciana a 3%, depois de retiradas as crostas das feridas.

Miíase ou bicheira

A bicheira é causada pela larva da mosca varejeira, que põe seus ovos nas feridas frescas. Depois de algumas horas, as larvas saem dos ovos e penetram nos tecidos vivos, onde se alimentam e crescem por aproximadamente uma semana. Em seguida, caem ao solo onde se transformam em moscas, completando, assim, seu ciclo de vida. Durante o período em que as larvas permanecem na ferida, elas vão comendo a carne do animal chegando a causar grandes estragos. O animal fica irritado, perde o apetite, emagrece e se não for tratado pode até morrer (Padilha, 1983; Medeiros et al., 1988; Santa Rosa & Vieira, 1989).

Para curar a bicheira, recomenda-se a retirada de todas as larvas da ferida e o uso de produtos repelentes.

Verminose

A verminose é uma doença que ataca tanto os caprinos como os ovinos, e representa a principal causa de mortalidade dessas duas espécies no Estado do Acre. É causada por vermes que se localizam no trato digestivo do animal, onde se fixam e sugam o sangue do mesmo. Quando o animal tem grande número de vermes, ele fica magro, fraco,

sem apetite, com o pelo arrepiado e sem brilho, e em alguns casos, com edema submandibular (papeira) e diarreia (Pessoa & Tabosa, 1985; Charles, 1988).

Para amenizar os prejuízos causados pela verminose, o criador deve recorrer à aplicação de anti-helmínticos no rebanho. O ideal seria que esta medicação fosse feita em épocas adequadas (vermifugação estratégica), com base no exame de fezes periódico dos animais. Mas, pesquisas com este objetivo encontram-se ainda em fase inicial. Por este motivo, recomenda-se a utilização de vermífugos nas épocas que se supõe serem as mais adequadas, isto é, início, meio e fim da estação seca e meio da estação chuvosa.

Para grandes ruminantes no Estado do Acre, (Costa, 1986) recomenda vermifugações concentradas nas épocas em que ocorrem os piques de incidência de helmintos, ou seja, nos meses de fevereiro, maio e setembro ou outubro, coincidindo pois, com duas vermifugações na época chuvosa, uma na metade e outra no final da mesma (fevereiro e maio) e uma vermifugação na época seca (setembro ou outubro).

Segundo Vieira et al. (1989) quando as vermifugações são feitas apenas no período chuvoso, os resultados não são satisfatórios devido à alta reinfestação que ocorre nos animais em decorrência da grande contaminação da pastagem nessa época com larvas infectantes.

A efetuação de cinco vermifugações por ano, nos meses de janeiro, março, fim de maio, agosto e final de setembro, apresentaram resultados satisfatórios no sistema de produção de caprinos do CPAF-Acre.

Medeiros et al. (1988) recomendam também vermifugações nas seguintes ocasiões:

- Vermifugar cabras e ovelhas um mês antes e um mês após o parto, pois fêmeas lactantes promovem maior disseminação de ovos nas pastagens;
- Vermifugar os cabritos três semanas após saída para o pasto e ao desmame;
- Quando se usa estação de monta, vermifugar as fêmeas duas a três semanas antes da cobrição.

Nas vermifugações, deve-se utilizar anti-helmínticos de amplo espectro, pois os caprinos e ovinos apresentam infecções por mais de uma espécie de vermes (Padilha, 1982). Segundo Vieira et al. (1989) os anti-helmínticos de maior eficiência para o combate das verminoses dos caprinos e ovinos são os à base de Oxfendazole, ivermectin e netobimin.

CUIDADOS COM A CRIA

Para aumentar o índice de sobrevivência dos recém-nascidos, é necessário que o criador adote algumas práticas de manejo, tais como:

- Recolher a fêmea para piquetes próximos à casa do criador ou do vaqueiro, alguns dias antes do parto, para facilitar a assistência, quando necessário;
- Corte e cura do umbigo com tintura de iodo a 10%;
- Mamada do colostro principalmente nas seis primeiras horas de vida;
- Manter os recém-nascidos no aprisco durante os primeiros 15 a 20 dias de vida, ou colocar um obstáculo com aproximadamente 50 cm de altura na porta do aprisco e esperar que as crias ultrapassem este obstáculo. A partir de então serão considerados aptos a acompanharem as mães ao pasto;
- Castração dos cabritos que não se destinam à reprodução e separação dos sexos aos quatro meses de idade;
- Descorna entre quatro e dez dias de vida, utilizando-se ferro quente;
- Vermifugação das crias três semanas após a saída para o pasto;
- Desmame aos 120 dias de idade (Traldi, 1985; Maciel, 1987; Medeiros et al., 1988; Maia, 1990).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, F. de A.V. **Instalações para caprinos e ovinos de corte.** Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1985. 10p. (EMBRAPA-CNPC. Comunicado Técnico, 14).
- CHARLES, T.P. **A verminose dos caprinos.** Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1988. 7p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 49).
- COSTA, A.L. da. **Helmintoses gastrintestinais em bovinos de leite no Acre: considerações preliminares.** In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1. 1984, Belém. **Anais...** Belém: EMBRAPA-CPATU, 1986. v.6, p.307-312.
- FIGUEIREDO, E.A.P.; OLIVEIRA, E.R. de; BELLAVER, C. **Performance dos ovinos deslanados no Brasil.** Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1980. 32p. (EMBRAPA-CNPC. Circular Técnica, 01).
- JARDIM, V.R. **Os ovinos.** São Paulo: Nobel, 1987. p.85-99.

- LUCHESI, L.; SIQUEIRA, E.R. de; TAVARES, S.V. **Caprinocultura**. Campinas: CATI, 1986. 114p.
- MACIEL, M.L.T. **Caprinocultura: uma nova alternativa para o produtor**. Florianópolis: CIDASC, 1987. 24p.
- MAIA, M. da S. **Puberdade em cabritos mestiços (Gurguéia x Parda) em Teresina-PI**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1990. 64p. Tese B.Sc.
- MEDEIROS, L.P.; GIRÃO, R.N.; GIRÃO, E.S.; ITALIANO, E.C. **Recomendações técnicas para a criação de caprinos**. Teresina: EMBRAPA-UEPAE Teresina, 1988. 66p. (EMBRAPA-UEPAE Teresina. Circular Técnica, 8).
- MORRISON, F.B. **Alimentos e alimentação dos animais**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1966. p.611-638.
- PADILHA, T.N. **Doenças parasitárias dos caprinos nas regiões áridas do nordeste brasileiro**. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1982. 48p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 17).
- PADILHA, T.N. **Prevenção e tratamento de doenças dos caprinos**. Brasília: EMBRAPA-DDT, 1983. 17p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 22).
- PESSOA, A.L.P.; TABOSA, J.H.C. **Manejo sanitário de cabras leiteiras**. In: NUNES, J.F. **Produção de caprinos leiteiros: recomendações técnicas**. Maceió: EPEAL/CODEVASF, 1985. p.53-57.
- SANTA ROSA, J.; VIEIRA, L. da S. **Medidas sanitárias recomendadas para caprinos e ovinos na região nordeste do Brasil**. Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1989. 23p. (EMBRAPA-CNPC. Circular Técnica, 8).
- SILVA, M.U.D.; SILVA, A.E.D.F. da. **Doenças mais freqüentes observadas nos caprinos do nordeste**. Sobral: EMBRAPA- CNPC, 1987. 33p. (EMBRAPA-CNPC. Documentos, 3).
- TRALDI, A. de S. **Manejo da reprodução**. In: NUNES, J.F. **Produção de caprinos leiteiros: recomendações técnicas**. Maceió: EPEAL/ CODEVASF, 1985. p.15-29.
- VIEIRA, L. da S.; BERNE, M.E.A.; CAVALCANTE, A.C.R.; MENEZES, R. de C.A.A. de. **Redução do número de ovos por grama de fezes (O.P.G.) em caprinos e ovinos medicados com anti-helmínticos**. Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1989. 14p. (EMBRAPA-CNPC. Boletim de Pesquisa, 11).